

A propósito de... Produtividade.

Ouve-se, frequentemente, nos media falar de produtividade. Que, sem a melhorarmos, é difícil termos um Estado social mais abrangente e generoso. É verdade. Mas, o que é a produtividade de um país? A resposta a esta pergunta nunca é suficientemente esclarecedora para a população, ou, pelo menos, nunca ouvi ninguém que fosse assertivo no que importa dizer.

Primeiro que tudo, a produtividade de um país é, normalmente, medida pelo Produto Interno Bruto per capita, grosso modo a riqueza produzida num ano, dividida pelo número de habitantes. E definir assim é importante, caso contrário as pessoas pensam que nalguns países se trabalha mais, em tempo e qualidade, e se produz mais por causa disso. Mas não é esta a verdadeira razão. Senão vejamos, escolhi Portugal e a Alemanha como exemplos, com dados de 2019:

	PIB (Milhões de euros)	População	PIB per capita (Dólares US)	Em relação à média europeia	Número de horas médio de trabalho semanal
Portugal	212.320,6	10.286.000	23.213,43	78%	35,9
Alemanha	3.449.050	83.092.962	46.467,16	121%	26,6

Resumindo, a Alemanha produz uma riqueza anual mais de 16 vezes a portuguesa; tem uma população 8 vezes maior; a produtividade é o dobre da portuguesa; estão bem acima da média europeia na criação de riqueza, e nós abaixo; e trabalham quase menos 10 horas por semana do que os portugueses! Extraordinário, não é?

A explicação para estas diferenças encontra-se no tipo de riqueza e de valor acrescentado que cada um dos países produz. Se olharmos para as 30 maiores empresas alemãs, elas encontram-se em setores como o de softwares para empresas, produção de aço, máquinas industriais, químico e farmacêutico, transportes, automóveis e peças, seguros e finanças, energia, semicondutores, propriedades, telecomunicações, bens de consumo eletrónico, logística e vestuário. Nas 30 maiores empresas portuguesas encontramos os setores da energia, distribuição alimentar, transportes, automóveis e peças (AutoEuropa e Continental alemãs), telecomunicações e construção de estradas.

Assim podemos verificar, facilmente, que na Alemanha se tem enorme vantagem porque se produz mais em setores de tecnologia avançada, com marcas próprias (muito importante!), com elevado conhecimento e valor acrescentado. Em Portugal, temos especializações em setores de menor valor acrescentado, como se pode verificar. Obviamente, também podemos falar da organização e planeamento dos alemães e da improvisação e flexibilidade portuguesas. Aliás, a combinação de ambas as abordagens pode ser muito benéfica, mas a vantagem é sempre de quem planeia e organiza bem o que quer fazer, mantendo graus de improvisação e flexibilidade adequados, e não o contrário.

Todos os planos económicos, sociais, de recuperação e resiliência, ou com outras designações, que visam o futuro do nosso país, deveriam estar centrados na ajuda à iniciativa privada e ao estímulo a quem criasse riqueza em setores de elevado valor acrescentado. Claro que muitos o têm dito e defendido, que existem várias organizações para esses fins, mas qual tem sido o resultado? Crescimento anémico, atraso em relação à Europa, perda de competitividade, etc. Então, temos de olhar para estes resultados e concordar que se tem de fazer diferente para

obter resultados diferentes. O que se tem vindo a apontar para os investimentos nos próximos anos está muito dependente das necessidades do setor público. Sim, este setor também precisa de melhorar, logo precisa de investimento. Mas não se poderia equilibrar melhor o “bolo”, tanto a nível da distribuição de investimentos em termos regionais, como de apoio ao setor produtivo e exportador, nomeadamente facilitando e propondo a criação de novas atividades industriais e de serviços, que façam falta ao país? Dou só um exemplo. Desbaratamos, há uns anos largos, a nossa indústria de produção de máquinas e vagões para os caminhos de ferro. Lembram-se da venda da última empresa aos canadianos? E agora precisamos deste tipo de composições, que terão de ser importadas, se quisermos modernizar a nossa oferta ferroviária. O que faltou na altura? Visão política e gestão, sem dúvida. E os exemplos multiplicam-se.

Acresce reconhecer, e temos de viver com isso, que uma nova empresa em Portugal tem muito mais dificuldades do que uma nova empresa na Alemanha, logo porque o número de potenciais clientes iniciais é muito maior neste país. O que implica que qualquer novo empreendimento português deve pensar, no mais curto espaço de tempo possível, na internacionalização. Em suma, temos grandes desafios pela frente, mas não seria a primeira vez que espantaríamos o mundo. Temos, para a nossa reduzida população, conseguido fazer obra em todo o mundo. Temos dos melhores cérebros a nível mundial em quase todas as áreas científicas. Temos uma história de que nos podemos orgulhar, apesar de tudo. Julgo que só falta algum rasgo e visão de quem nos representa, para que possamos voltar a aproximarmo-nos da média europeia em todos os níveis de desenvolvimento. E não precisamos de inventar muito, basta ver o que outros países, com uma produtividade inferior à nossa, têm vindo a fazer, deixando-nos o último lugar na Europa à vista.

João M. S. Carvalho

Prof. Associado da Universidade Portucalense